

Dimensões híbridas do espaço público: da cidade participativa à cidade colaborativa

Juliana Trujillo

Orientador Prof. Dr. Marcelo Tramontano

[Resumo]

Este artigo apresenta o início da pesquisa de doutorado realizada no Núcleo de Estudos de Habitares Interativos (nomads.usp), sob orientação do Prof. Dr. Marcelo Tramontano, que trata do estudo de intervenções no espaço público, considerando a participação da comunidade e a mediação digital. A experiência contemporânea demanda uma abordagem mais integral para se desenhar as cidades e conseqüentemente, para o planejamento e a requalificação dos espaços públicos. A pesquisa partiu do conceito de Dimensões Humanas do Espaço Público, as quais estabeleceram valores universais para análise desses espaços, e, com base na fundamentação teórica oferecida pela Cibernética de Segunda Ordem, pretende-se reavaliar a pertinência e, conseqüentemente, atualizar os conceitos urbanísticos de Dimensões Humanas dos Espaços Públicos para Dimensões Híbridas dos Espaços Públicos, revisando os processos de análise e de projeto destes espaços em função de sua condição híbrida proporcionada a partir da mediação digital. Para o FLASH! 06, traz-se como estudo de caso a série Nazaré do Mocajuba, trabalho de Alexandre Sequeira realizado numa pequena vila no interior do Pará, que envolve a participação da comunidade e a mediação digital. Com o objetivo de entender e relacionar a série a uma abordagem transdisciplinar, buscou-se traçar os possíveis procedimentos metodológicos percorridos pelo arquiteto.

Palavras-chave: Espaço Público; Intervenção Urbana; Participação; Mediação Digital

[As dimensões híbridas do espaço público]

As Dimensões humanas do espaço público são consideradas atributos essenciais para o bom desempenho (Carr et al, 1992; Gehl, 2013) e, portanto, bom uso desses espaços. O desempenho, ou a *performance* de um espaço, depende de inúmeros fatores e, por isso, não há como criar uma fórmula exata que determine o seu sucesso. Este, no entanto, se reflete na relação com a sociedade em sua complexidade, sendo que um espaço, mesmo não possuindo todas as propriedades ideais, pode atender bem às necessidades e aos propósitos aspirados pela população.

As Dimensões do espaço público englobam desde propriedades físicas até questões mais subjetivas, como a sensação de segurança gerada pela permeabilidade visual. Carr, Rivlin, Francis, Stone e Gehl, entre outros, defendem uma concepção de espaços públicos que ofereçam maiores possibilidades de ação para a população, que ganharia liberdade para moldá-lo de acordo com seus desejos e necessidades, ocupá-lo de formas

inesperadas e espontâneas e até mesmo exercer certo domínio sobre os recursos disponíveis. Esta abertura para a imprevisibilidade contrapõe a rigidez modernista, assegurando uma melhor apropriação ao longo do tempo, desde que sustentada por elementos essenciais como infraestrutura, acessibilidade, segurança, dentre outros pontos também explorados pelas diferentes dimensões.

Cada dimensão compreende um conjunto de valores que traduzem as várias maneiras como ela pode se manifestar no espaço.

1. Necessidade, no qual os valores relativos são conforto, relaxamento, envolvimento passivo, envolvimento ativo e descoberta.
2. Direito, no qual os valores relativos são acesso, liberdade de ação, reivindicação, mudança, propriedade e disposição.
3. Significado, no qual os valores relativos são conexões individuais, conexões de grupo, conexões com a sociedade, conexões biológicas e psicológicas, conexões com outros mundos.

Se de um lado podemos considerar que as dimensões humanas tenham pertinência na atualidade, por outro lado, as cidades contemporâneas foram expandidas pelas tecnologias digitais.

A comunicação está na base do processo de conscientização do indivíduo de seu lugar no mundo. O uso de interfaces digitais em ações culturais em espaços públicos abriga a comunicação no virtual, estimula-a no concreto, reforçando a vocação de lugar de trocas, de encontros humanos, de construção de opiniões, que o lugar público nunca deveria perder. (TRAMONTANO, SANTOS E SOUZA, 2013)

Nan Ellin (2006) em seu livro *Integral Urbanism*, trata sobre uma cidade onde se deve pensar em redes e não em limites; em relacionamentos e conexões e não em objetos isolados; em interdependência, e não em dependência; em transparência, permeabilidade; fluxo e fluidez e não em estaticidade. Deve-se pensar na reintegração do espaço e na busca pela integração entre noções convencionais de urbanismo para produzir novos modelos para a cidade contemporânea, na coexistência de diferentes etnias, idades, habilidades e tecnologias para realizar uma nova integração e enriquecer o futuro. (DARODA, 2012).

Vislumbra-se então a possibilidade da definição de um espaço híbrido que agrega características do espaço físico e do espaço digital, combinando essas duas naturezas distintas, resultando numa terceira. Segundo Tramontano (2007):

Hibridismo: Longe das definições que o condenam a limitações dos ambientes físicos, o espaço arquitetônico vê adensar-se sua natureza concreta pelo aporte de instâncias virtuais. Isto o dota de um caráter híbrido, aproximando-o à própria noção de meio de comunicação, regido por dinâmicas próprias e recentes que constituem a atual matéria prima da arquitetura e do design. (TRAMONTANO, 2007, Tradução nossa)¹.

Nesta pesquisa, as “Dimensões” entram como valores universais, fornecendo uma importante contribuição para a análise dos espaços públicos, porém datada. A partir do ponto de vista de um outro campo do conhecimento, a Cibernética de Segunda Ordem, julga-se ser possível reavaliar a pertinência desses valores e, conseqüentemente, atualizar as Dimensões Humanas para Dimensões Híbridas do espaço público considerando os sistemas observados e sua condição híbrida proporcionada pela mediação digital.

Ao abordar os princípios da Cibernética de Segunda Ordem, além de considerar o observador durante a ação de se observar os sistemas, analisa a circularidade (*feedback loop*), a interdependência e a autonomia da relação entre observador e observado, facilitando a comunicação entre as partes de um sistema objetivando o equilíbrio do todo, por meio de compensações e ajustes para atingir metas estabelecidas. Considera-se a questão do equilíbrio sistêmico fundamental para o estabelecimento colaborativo de metas advindas de demandas sociais coletivas no que diz respeito à atualização constante das dimensões dos espaços públicos, e nesse sentido o estudo da Cibernética de Segunda Ordem e a aplicação de seus princípios pode potencializar as características de colaboração proporcionadas pelas tecnologias disponíveis e pela mediação digital.

¹ Do original em espanhol: “ Hibridación. Alejándose de definiciones que lo condenan a las limitaciones de los ambientes físicos, el espacio arquitectónico ve adensarse su naturaleza concreta por el aporte de instancias virtuales. Eso lo dota de un carácter híbrido, aproximándolo a la propia noción de medio de comunicación, regido por dinámicas propias y recientes que constituyen la actual materia prima de la arquitectura y del diseño. ”

As transformações estabelecidas pelas tecnologias digitais e de comunicação, contribuíram para o crescimento da influência dos meios de comunicação e de suas “realidades” sobre as sociedades, em detrimento das visões subjetivas. Tal condição dá abertura para a proposição do sociólogo alemão Niklas Luhmann sobre o papel da comunicação na sociedade: “a sociedade não está formada por pessoas, mas por comunicações” (GIANNETTI, 2006).

Por sua vez, e de modo complementar, a Teoria da Conversação proposta pelo ciberneticista Gordon Pask apresenta um desenvolvimento bastante elaborado sobre as diversas possibilidades de troca de informações e propõe uma estrutura muito pertinente para interações, nos quais, humanos, máquinas e ambientes, podem estar engajados em sistemas de troca de informação colaborativos. (HAQUE, 2007 apud ALVES, 2014). Pask propõe que sistemas podem aprender, sejam eles formados por seres humanos ou máquinas, e nesse sentido, de acordo com Dubberly et al. (2009), a conversação é o sistema de comunicação mais evoluído e ocorre quando a saída (*output*) de um sistema de aprendizagem torna-se a entrada (*input*) para a outro. Portanto, os sistemas podem aprender uns com os outros através da troca de informações de interesses em comum, e deste modo coordenar objetivos, ações e conseqüentemente, projetos.

[Série Nazaré do Mocajuba]

Ainda que não se trate de um trabalho de intervenção no espaço público de uma grande cidade, o estudo de caso neste início da pesquisa vem de encontro às discussões do grupo nomads.usp sobre procedimentos metodológicos transdisciplinares e sobre participação social.

A série Nazaré do Mocajuba é um trabalho do fotógrafo e arquiteto Alexandre Sequeira² desenvolvido durante sua especialização em Semiótica e Artes Visuais na Universidade Federal do Pará em 2004 e 2005. Durante

² Alexandre Sequeira é arquiteto (1985), tem especialização em Semiótica e Artes Visuais (2007) pela Universidade Federal do Pará, Mestre em Arte e Tecnologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (2010) e cursa atualmente Doutorado em Arte pela Universidade Federal de Minas Gerais. É professor da Faculdade de Artes visuais da Universidade Federal do Pará e tem experiência na área de Artes, com ênfase em Fotografia e Arte Contemporânea, atuando principalmente nos seguintes temas: artes visuais, artes, curadoria e salão de artes visuais.

esses anos, o arquiteto teve uma bolsa de pesquisa concedida pelo Instituto de Artes do Pará (IAP)³. As fontes de pesquisa sobre a obra foram, além do contato via e-mail com o próprio arquiteto, dissertações de mestrado, entrevistas, textos curatoriais e artigos, tendo como diretriz a observação dos procedimentos metodológicos, desde a chegada na vila até o contato que o arquiteto mantém ainda hoje com a comunidade.

Após a leitura específica sobre a série, pode-se dividir a descrição e análise em cinco temas, para entender o percurso metodológico do trabalho.

O lugar

Nazaré do Mocajuba é uma pequena vila de pescadores localizada a 150 km ao norte de Belém, tem pouco mais de cem habitantes e poucas ruas de terras dispostas às margens do rio Mocajuba. Armando Sobral descreve o *lócus* no qual Alexandre Sequeira opera:

Chega-se a Nazaré do Mocajuba percorrendo um estreito caminho de terra de, aproximadamente, nove quilômetros, contados a partir da estrada que liga Castanhal à região litorânea de Marapanim e Marudá, à altura do km 42 - nove quilômetros que representam, para a comunidade, um enorme isolamento social e econômico. Seus limites são os roçados, a mata em torno e o rio Mocajuba à frente, com sua densa vegetação de mangue. As atividades produtivas do lugar se restringem a culturas de subsistência: plantio da mandioca, farinha, pesca e extração do caranguejo; além de um pequeno comércio de bebidas e alimentos, ponto de encontro dos nativos. À fadiga do trabalho na roça segue o torpor das horas quentes do dia. As casas, a maioria de barro, distribuem-se no raio de alguns metros da rua principal, via de terra batida paralela ao rio. A ocupação espontânea do sítio pode ser notada pela disposição das moradas, que ora se encontram alinhadas e ora dispersas sugerindo um traçado casual e sinuoso. No centro, destaca-se uma pequena igreja branca e singela. Sobre o rio avança o trapiche de madeira que serve à vila como porto e, para nós visitantes, de mirante, onde podemos nos debruçar, no fim da tarde, sobre os belos jogos de espelho das águas do Mocajuba. (SOBRAL, 2014)

A singularidade de Mocajuba e as pessoas que lá estão evidenciam a paisagem da vila em um lento cotidiano percebido por qualquer morador de Belém ou de outro lugar do mundo. (MACHADO, 2011)

3 Entrevista de Alexandre para o <<http://holofotevirtual.blogspot.com>>. Blog dedicado a reportagens e entrevistas sobre arte e cultura, da jornalista Luciana Medeiros.

Tempo de permanência e a construção de uma relação afetiva

Quando Alexandre desenvolveu a série Nazaré do Mocajuba, já visitava o vilarejo há pelo menos dez anos. A primeira intenção era fotografar a paisagem. Mas no decorrer dos anos, o contato com os moradores foi assimilado e passou a se manifestar em seu trabalho artístico.

As imagens colhidas na vila serviram de ponto de partida para uma série de trabalhos impressos em papel artesanal produzido com fibra natural que faziam referência à identidade e memória de alguns moradores da vila. A primeira série foi chamada de “Identidade calcinada”, fazia menção a valores condenados ao desaparecimento. (MACHADO, 2011)

Em seguida, a instalação Vozes da Mata, apresenta cenas da cerimônia de finados da vila. Alexandre registra o ritual “Iluminação”, no qual os familiares prestam homenagem aos mortos acendendo velas para decorar as sepulturas.

Em 2004, o artista foi contemplado com a bolsa pesquisa, Criação e Experimentação Artística, do Instituto de Artes do Pará e também aprovado na pós-graduação dentro do Programa do Núcleo de Artes da UFPA.

O momento oportuno e a escolha para desenvolver uma nova pesquisa vieram confirmar o desejo do artista em desdobrar o campo de investigação com a comunidade de Mocajuba. A memória foi ativada e os laços se fortaleceram, e o som ambiente da vila que, a princípio tinha provocado curiosidade e certo estranhamento devido aos diferentes sons entre a zona urbana e a zona rural, agora se revelaram numa aproximação mais íntima. (MACHADO, 2011)

Nesta época, registra os sons da vila num material coletado que correspondem a seis horas de informação sonora e posteriormente irá usar na exposição da série Nazaré do Mocajuba.

Em entrevista para Vânia Machado, Alexandre explica seu retorno à vila:

Voltei à vila na perspectiva de reviver o percurso e aproximação, apreensão e tradução: sentia a necessidade de buscar uma possível tradução não apenas do lugar, mas também de valores contidos nele que tanto me atraíam. A busca em apresentar Nazaré do Mocajuba como matriz inspiradora se desdobrou em tentativas de falar da geografia

e sua atmosfera bem como das pessoas e suas relações. Descrever é destacar um objeto que o falante tem em mente, e tê-lo em mente é tê-lo traduzido. Percebo hoje que a paixão que alimento por esta pequena vila, igual a tantas outras em nossa imensa região – talvez até menos bela que tantas outras – é a forma como ela me foi revelada.

O retratista

Alexandre passa a fotografar a comunidade a pedido dos moradores, e, no fim de 2004, aproximadamente 1000 fotografias estavam introduzidas no cotidiano da vila, nos registros pessoais e familiares. E a maneira que encontrou de devolver as fotografias para as pessoas era fazendo uma exposição pendurada em um varal, o morador se reconhecia na imagem e pegava seu registro. Esse momento, segundo Machado era aguardado com expectativas e sempre era celebrado e as rodas de conversa.

Esta atitude do artista de expor as fotos no espaço público da cidade é relevante porque coloca a imagem de cada um dos moradores da vila na condição de um coletivo sem aniquilar suas diferenças e semelhanças. O que era individual vira coletivo, o que era privado vira público. Como um retrato do passado, a memória coletiva tem também relevância na construção da identidade do grupo. Os indivíduos se apresentam aos outros e se veem a si mesmos tendo como referencial básico as suas origens, fotografadas a partir de uma memória compartilhada e transmitida através das gerações, pois ali, no espaço público, todas as gerações se encontram. (MACHADO, 2011)

Foi, a partir de uma pesquisa etnográfica, que Alexandre fortalece os vínculos com alguns moradores e, em função dessa condição de proximidade, Alexandre começa a entrar na casa das pessoas, fotografá-las individualmente, que o levou à série Nazaré do Mocajuba.

A série fotográfica e o suporte

Ao fotografar os moradores da vila individualmente, Alexandre percebe que há uma distinção entre os mais jovens e os mais velhos: a postura. Os jovens, quando são fotografados, vem carregados de referências da cultura de massa, televisão, cinema e propaganda. Já os mais velhos, tem uma postura formal, solene, se arrumam para a ocasião. Alexandre afirma:

O mais pontual nos nativos, era a postura ereta e frontal com os braços pendidos ao longo do corpo, pose solene, altiva, de um profundo respeito pelo momento do ato fotográfico. [...] minha ação se restringia a apertar o botão do obturador e depois libertar o fotografado da pose que mantinha em total concentração, numa atitude de coautoria. Olhar que fitava

diretamente a lente, como se ignorasse o equipamento e buscasse estabelecer uma relação direta com quem fotografava. Essa atitude me intrigava e maravilhava.

Foi durante as visitas, Alexandre percebeu a presença de tecidos, desbotados, pequenos rasgos, com diferentes funções. Redes, mosquiteiros, lençóis, toalhas de mesa, algumas peças usadas como separadores dos ambientes da casa. Ele propõe então a troca desses objetos pessoais antigos por uma peça nova, e experimenta usá-las como suporte, imprimindo a imagem do fotografado em escala natural. Estabelece uma relação entre o objeto e o fotografado.

A imagem depois de tratada foi transportada para fotolito, que a redimensionou para sua escala real. A altura das pessoas era obtida pelo artista numa comparação entre o seu próprio tamanho.

Os desdobramentos

Para Machado (2011), Sequeira assume a postura de artista propositor ao negociar com a comunidade de Mocajuba a troca de objetos do uso cotidiano. A questão se estabeleceu em função de fazer com que os moradores compreendessem onde um trabalho dessa natureza se situa, com relação às suas vidas.

A exposição da série Nazaré do Mocajuba possibilitou, pela primeira vez, a saída dos moradores da vila para visitar a exposição, em dezembro de 2004, em Belém, na Casa das Onze Janelas. O encontro com o público ali presente foi revelador, pois a imagem impressa na rede, no mosquiteiro, no lençol, a escolha e o lugar que o artista apresentou a série, produziu uma sucessão de simulações e interações recorrentes à memória individual e coletiva. (MACHADO, 2011)

Os sons gravados no início da pesquisa agora faziam parte da exposição e os moradores podiam identificar esses fragmentos sonoros que lhes eram familiares.

Essa exposição já passou por diversos lugares no Brasil e no exterior, entre eles: em 2009, participou da X Bienal de Havana / CUBA; em 2010 foi para Vitória, Belo Horizonte, Porto Alegre e São Paulo; em 2011, Manaus e Montevideú; e em 2015, Boa Vista.

Para Sequeira (2010):

[...] Nazaré do Mocajuba também se mantém em processo. A circulação das peças de tecido por diversas cidades se reverte em informação para os moradores da vila sobre esses diferentes contextos culturais onde eles são vistos, podendo servir de mecanismo, segundo Mokarzel, para os mesmos reimaginarem o seu lugar no mundo e imporem-se numa nova geografia que se configura em desacordo com as pressões globais e hegemônicas. Além disso, o valor obtido com a venda de qualquer imagem fotográfica que registre os tecidos na ambiência da vila é usado, em parte, para custear sua produção, e o restante é encaminhado aos moradores da vila, que, em conjunto, decidem sua melhor destinação. Tal mecanismo, longe de servir como forma de ressarcimento por sua participação, se constitui parte integrante da experiência artística na medida em que promove uma maior compreensão por parte dos mesmos – em sua grande maioria, desconhecedores das regras ou valores que regem o universo das artes –, do papel dessas práticas no campo das relações de trabalho e geração de renda. O dinheiro até então obtido pela venda de cópias fotográficas foi usado – partindo sempre de uma decisão coletiva – na compra de remédios para o posto de saúde, livros para a escola e alguns instrumentos musicais que servirão para a formação de uma pequena banda local.

[Considerações Finais]

Ao analisar as Dimensões Humanas do espaço público, pode-se dizer que a obra de Alexandre Sequeira em Nazaré do Mocajuba está estreitamente ligada aos valores relativos à dimensão de significado, contribuindo para as conexões, individuais e coletivas, fortalecendo a memória e a cultura da comunidade.

Nesta relação de conexões, é possível definir o papel de cada ator envolvido nesta obra, ora bem delimitado – fotógrafo e fotografado, o espectador da exposição, o agente financiador; ora mais flexível, quando o próprio Sequeira é observador e observado ao mesmo tempo, no momento que se vê em uma relação íntima com a comunidade, frequenta a vila anualmente, acompanha as famílias e tem um retorno financeiro compartilhado vindo do objeto produzido “juntos”.

É possível dizer também que o tempo de permanência de Sequeira na vila foi um fator de extrema importância. Com o tempo, o fotógrafo desenvolveu diversos pequenos trabalhos, relações e, a partir de um fenômeno que podemos qualificar de sistêmico, possibilitou um conjunto organizado de

partes diferentes que produz qualidades que não existiriam se as partes estivessem isoladas umas das outras. Portanto, cria condições para a emergência, quando surge a série Nazaré do Mocajuba.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

[REFERÊNCIAS]

ALVES, G. M. *Cibersemiótica e processos de projeto: metodologia em revisão* [online]. São Carlos: Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2014. Tese de Doutorado em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses>> Acesso em 20/8/2015.

BOURRIAUD, N. *Estética relacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

CARR, S. et al. *Public Space*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

DARODA, R. F. *As novas tecnologias e o espaço público da cidade contemporânea*. Porto Alegre: Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012. Dissertação de mestrado. Disponível em <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/67063>>. Acesso em 02/09/2015.

DUBBERLY, H.; HAQUE, U.; PANGARO, P. *What is Interaction? Are there diferente types?* ACM Interactions. Volume XVI.1. Modeling Forum, 2009

GEHL, J. *Cidades Para Pessoas*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

GIANNETTI C. *Estética Digital: Sintopia da Arte, a Ciência e a Tecnologia*. Belo Horizonte: C/Arte, 2006.

MACHADO, V. L.L. *Nazaré de Mocajuba-PA: matriz inspiradora na fotografia de Alexandre Sequeira*. Dissertação Mestrado, 2011, 113f. Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura, da Universidade da Amazônia, 2011. Disponível em <<http://www.unama.br/mestrado/comunicacao/dissertacoes>. Acesso em 6/05/2016.

SEQUEIRA, A. *Entre Lapinha da Serra e o Mata Capim*. Dissertação Mestrado em Arte e Tecnologia da Imagem, 2010, 118f. Programa de Pós- Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, 2010. Disponível em <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/JSSS-8CMMP3>. Acesso em 25/05/2016.

SOBRAL, A. *Impressões de um lugar*. 2004. Disponível em: <<http://armandosobral.wordpress.com/category/impressoes-de-um-lugar/>>. Acesso em: 29/05/2016.

TATO, B.; VALLEJO, J. L. *Networked Urbanism. Design Thinking Initiatives for a Better Urban Life*. Harvard University. Graduate School of Design. 2013.

FLASH! 06 _ *Transpesquisa: intervenções colaborativas em mundos complexos_01.06.2016*

TRAMONTANO, M. *Instalando/ installing: arte y cultura digital / art and digital culture*. Santiago: Troyano, 2007.

TRAMONTANO, M., SANTOS, D.M., SOUZA, M. Territórios Híbridos: 34 pontos para uma agenda de discussões. In: NOMADS.USP (Org.). *Territórios Híbridos: ações culturais, espaço público e meios digitais*. São Carlos: IAUUSP, 2013.